

PARTE 6 - REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Na atividade econômica encontramos três fontes essenciais de riqueza econômica: Agricultura - Comércio - Indústria.

Denominamos Revolução Industrial ao período em que um conjunto de invenções e inovações relacionadas permitiu alcançar uma enorme aceleração da produção de bens e assegurar um crescimento que foi se tornando rapidamente independente da agricultura.

Esse fenômeno, também conhecido com Primeira revolução Industrial, iniciou-se na Inglaterra no século XVIII, num período compreendido entre os anos 1760 a 1820 (alguns autores optam por situá-la entre os anos 1780 e 1840) quando converteu-se em fato irreversível, posteriormente se estendendo a outros países da Europa e aos Estados Unidos (na segunda metade do século XIX e até aproximadamente 1914, é conhecido por Segunda revolução Industrial, apresentando características diferentes do primeiro período)

Por quê a revolução Industrial teve originariamente lugar na Inglaterra?

A Inglaterra era relativamente rica. De fato, um século de explorações ultramarinas bem-sucedidas, tráfico de escravos, pirataria, guerra e comércio tinha feito da Inglaterra a mais rica nação do mundo. Ainda mais importante, suas riquezas não haviam beneficiado meramente um punhado de nobres, mas a um numeroso estrato médio superior de burguesia comercial. A Inglaterra foi, assim, uma das primeiras nações a desenvolver, embora em escala minúscula, um requisito primordial de um economia industrial: um mercado consumidor de "massa".

Nesse período se intensificou a transformação da economia inglesa que passou de predominantemente agrária a uma economia industrial caracterizada pela produção em larga escala e generalização do uso da máquina para reduzir tempos e custos de produção.

As modificações sociais que ocorreram neste período só são comparáveis às que ocorreram durante a revolução agrícola ocorrida 5 a 8 mil anos atrás. Nesse período conhecido como primeira revolução científico-tecnológica, os homens deixaram de ser nômades - caçadores e coletores de sementes e frutos - e se fixaram em locais onde constituíram as primeiras aglomerações urbanas. Isso foi possível porque animais foram domesticados, e houve uma melhoria na qualidade das sementes propiciando colheitas mais abundantes, havendo portanto um excedente que possibilitou que muitas pessoas deixassem de ser caçadores ou coletores, criando-se novos ofícios e novas necessidades que possibilitaram um avanço importante da organização social como um todo.

Os avanços que aconteceram nessa primeira revolução científico-tecnológica só foram equiparados quando da ocorrência da segunda revolução científico-tecnológica, também conhecida como Revolução Industrial.

A revolução industrial inglesa deve sua ascensão inicial à indústria algodoeira, que multiplicou extraordinariamente a produção de tecidos pela introdução de teares mecânicos. Mas foi a siderurgia que, ao revolucionar sua tecnologia de produção, produziu um impacto ainda mais decisivo, pois repercutiu em todo o desenvolvimento industrial posterior e na realidade o tornou possível.

Com efeito, uma série de aperfeiçoamentos em fornos e sistemas de fundição permitiu obter ferro de alta qualidade, capaz de substituir vantajosamente outros materiais para melhorar muitas técnicas existentes e construir novas máquinas.

Somente o ferro permitiu o desenvolvimento das estradas de ferro, que vieram a somar-se às importantes transformações no sistema de transporte, que já haviam começado a produzir-se, tais como: técnicas modernas de pavimentação de estradas e abertura de redes de canais. A diminuição do tempo de deslocamento e o intercâmbio, que assim se tornou possível, iniciaram a ruptura das relações de dependência entre núcleos urbanos e rurais, próprias da sociedade agrícola anterior.

Com a revolução industrial houve um enorme crescimento da economia inglesa, o que provocou:

- a) um aumento da necessidade de suas indústrias por matéria-prima, que a Inglaterra não tinha e que era obrigada a buscar no mercado externo;
- b) a necessidade de ampliar o mercado consumidor dos seus produtos.

Em decorrência desses dois fatores, houve a necessidade de um aumento do controle das colônias, além de um crescimento da disputa com outras potências da época pela obtenção e manutenção dos mercados.

De acordo com Marx, a grande indústria criou um mercado mundial que acelerou o desenvolvimento do comércio, da navegação e dos meios de transporte por terra, particularmente as ferrovias. Esse desenvolvimento, por sua vez, influenciou a expansão industrial.

Durante o período da revolução industrial a Inglaterra dependia cada vez mais do comércio externo para escoar sua produção, este na realidade era a condição preponderante para a continuidade da revolução industrial.

A expansão do comércio externo era feita com tecidos e escravos capturados na África, e direcionados para os centros produtores de matéria-prima de que as indústrias necessitavam.

A QUESTÃO SOCIAL

Do ponto de vista social ocorreu uma grande concentração humana nas cidades inglesas devido às profundas transformações que estavam ocorrendo nos campos.

Desde o século XVII a agricultura na Inglaterra vinha passando por uma profunda reestruturação. O processo conhecido como *enclosures* ou cercamentos buscava maior produtividade no campo, tendo o lucro como objetivo principal.

Em linhas gerais, o cercamento é a substituição do sistema de exploração agrícola de subsistência, típico do regime feudal, pela exploração em larga escala para atender às exigências das indústrias. Os cercamentos, de modo geral, tinham como objetivo a substituição da agricultura pela criação de carneiros, a fim de fornecer lã para a indústria.

O sistema de *enclosures* levou uma grande massa de camponeses à miséria, sendo forçados a abandonar suas terras em busca de trabalho nas cidades que estavam em franco crescimento.

Como consequência dessas mudanças no campo, as cidades cresceram enormemente, devido ao afluxo das massas de camponeses atraídos para o trabalho nas fábricas, formando o proletariado industrial. As cidades atraíram a indústria e esta fez crescer as cidades. Entre 1790 e 1841, Londres passou de 1 milhão de habitantes a perto de 2,5 milhões de habitantes.

O rápido processo de urbanização provocou a degradação do espaço urbano anterior, do meio ambiente, e a destruição dos valores tradicionais. As condições de habitabilidade se agravaram com o surgimento de problemas novos, tais como:

- contaminação do ar;
- contaminação da água;
- acumulação de detritos humanos;
- acumulação de detritos industriais, entre outros.

Por outro parte, ocorria uma monstruosa exploração do homem pelo homem nas fábricas, onde se trabalhava em jornadas de mais de dezesseis horas por dia e crianças e mulheres eram empregadas por salários ultrajantes e vivendo em precárias condições de habitação, na sua maioria aglomerados de casas sujas, em péssimo estado, superlotadas e sem as mínimas condições de infraestrutura como água e esgoto, que eram jogados na rua a céu aberto.

Essa condição urbana provocava problemas sociais gravíssimos advindos da rápida urbanização:

- doenças;
- ausência de moradia;
- prostituição;
- alcoolismo;
- suicídios;
- violência;
- surtos de epidemias de tifo, cólera e outros.

Acrescente-se a tudo isso a concentração de máquinas, terras e ferramentas sob o controle de poucos indivíduos, e fica bastante claro porque emergiu com bastante intensidade a questão social.